

Mal-entendido musical

J. Roberto Whitaker Penteadó

A música é a conversa dos anjos. Thomas Carlyle

Num filme que fez sucesso há dez anos, baseado num romance altamente idealizado de Stephen King, sobre a vida numa prisão Um Sonho de Liberdade, entre outras façanhas, o herói consegue entrar na cabine de som e transmitir a todo o presídio um dueto da ópera As Bodas de Figaro, de Mozart. Andy Dufresne, o personagem, é punido com um mês de solitária, mas a população carcerária recebe-o como ídolo.

A lembrança é melancólica, diante das cenas dantescas que estão ocorrendo nas nossas prisões. Mas ilustra bem mais uma diferença significativa entre o papel que a música chamada "clássica" ocupa na nossa sociedade e as outras "desenvolvidas".

A própria expressão música clássica contribuiu para o mal-entendido estético que vivemos. A rigor, só é "clássica" a música composta na segunda metade do Século 18, entre o fim do período barroco e o início do romantismo, sendo Mozart e Haydn os seus nomes mais significativos. Mesmo assim, trata-se de boa música, agradável aos ouvidos, apropriada para ser ouvida em casa, no trabalho, enquanto se dirige, no trânsito além, é claro, das prisões e outros locais coletivos.

As poucas emissoras que incluem essa boa música na programação fazem-no de forma a afugentar os ouvintes. Por exemplo, na semana passada, cansado da TV, resolvi ouvir a Cultura no horário nobre das 21h. Não sei qual era o programa, mas apresentou uma peça de Lorenzo Fernandez, compositor brasileiro do Século 20; uma composição do finlandês contemporâneo Einojuhani Rautavaara, de avant-garde, cujos acordes são entremeados por cantos de pássaros, ao vivo e algo para citara oriental e orquestra sinfônica, de um compositor chinês. Não tenho nada contra esse modernismo erudito, mas há tanta coisa melhor, mais agradável e acessível para transmitir no horário nobre...

Durante sete anos convidado por Heloisa Fischer, uma jovem batalhadora da música apresentei, pela Rádio MEC, um programa chamado Conversa de Música, cuja proposta era tirar o smoking da música clássica e trazê-la ao dia-a-dia de cada um. Foram 250 programas, abordando o tema pelos mais diversos aspectos: música triste, música alegre, para crianças, cantada, orquestral, para instrumentos curiosos como a harmônica de vidro e trechos absolutamente adoráveis de Mozart. Beethoven, Villa-Lobos, Chopin, Wagner, Liszt, Puccini... Tinha assunto para outros 500 programas; entretanto, fui despedido antes, pela nova direção da casa indicada pelo PT.

Mas nem tudo está perdido. Há bons exemplos de concertos abertos e democráticos dados por entidades culturais, em várias cidades do Brasil. E os grandes jornais distribuem ótimos CDs a preços promocionais para aumentar suas circulações. A internet, também, facilita o acesso às melhores emissoras do mundo, onde se ouve boa música que pode ser gravada no iPod. São tendências que merecem ser aplaudidas e estimuladas.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=180&ID=344>>. Acesso em: 5 ago. 2009.